



REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E AFRODESCENDÊNCIA¹ NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Francineide Santos Palmeira²

Florentina da Silva Souza³

RESUMO: Este trabalho busca analisar e identificar temas abordados nas produções literárias de Conceição Evaristo, com vistas a averiguar: as construções das imagens da afrodescendência sob a perspectiva da mulher negra e os modos dessas construções dialogarem com a literatura brasileira. Como resultado, observamos que a obra evaristiana representa os afrodescendentes como sujeitos construtores de sua história e da história do Brasil. Os contos e o romance trazem como temática basilar a mulher negra brasileira de baixa renda. Já, os poemas abordam questões vivenciadas pela mulher negra em geral. Essas informações permitem-nos concluir que os textos dessa escritora rasuram os modos consagrados de representação dos afro-descendentes na literatura, propondo uma leitura outra sobre afrodescendência e os(as) afrodescendentes.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, afrodescendência, representação

Na segunda metade do século XX, o termo gênero começou a ser utilizado para designar o processo de construção do feminino e do masculino, na órbita da sociedade e da cultura. Desde então, esse termo tem sido utilizado para teorizar a questão da diferença sexual, questionando os papéis sociais destinados às mulheres e aos homens. Esse conceito veio introduzir na história ocidental a dimensão da relação entre os sexos, deixando claro que sexo é uma categoria biológica, ao passo que gênero consiste numa construção da diferença sexual.

Embora o emprego do signo gênero com esse significado seja recente, a situação a qual ele se relaciona é muito anterior. Na Grécia Antiga, a mulher era considerada como inferior ao homem. Não eram consideradas cidadãs. Com os romanos, a discriminação feminina foi legitimada no código legal por meio da instituição jurídica do paterfamílias, que atribuía ao homem o poder sobre a mulher, os filhos, servos e

¹ O presente texto tem como objetivo apresentar um recorte do trabalho de pesquisa intitulado Imagens de afrodescendência na obra de Conceição Evaristo, desenvolvido entre agosto de 2005 e julho de 2006. Faz-se necessário destacar ainda que este trabalho foi realizado durante a vigência de uma bolsa de Iniciação científica PIBIC-UFBA-CNPQ

² Mestranda em Letras pela Universidade Federal da Bahia, e-mail: francineidpalmeira@yahoo.com.br

³ Professora Doutora do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia e orientadora do projeto Imagens de afrodescendência na obra de Conceição Evaristo; e-mail: florenss@ufba.br

escravos. Assim, foi legitimada, por meio do Direito Romano, a inferioridade da posição social da mulher.

E como o Direito Romano é um dos legados importantes legado às civilizações ocidentais posteriores, perpetuou-se nesta civilização a assimetria entre o masculino e o feminino. O homem, o responsável das construções conceituais, criou um modelo social e cultural do ser feminino e do ser masculino que persiste até hoje.

Já no Iluminismo, entre os comentários de escritores que legitimavam esse pensamento encontramos em Rousseau, a seguinte assertiva “a mulher não tem que pensar, só que amar”. O reduto da palavra, sinônimo de publicidade, foi uma das esferas que mais resistiu a presença feminina.

No século XIX, já encontramos no campo intelectual e de literário no Brasil, pelo menos, duas escritoras Maria Firmina dos Reis e Francisca Júlia da Silva.

Desta forma, mesmo sendo ignoradas, as mulheres escreviam e utilizavam a palavra como forma de resistência. Por meio de seus escritos, podemos conhecer uma visão da história ocultada, uma história na qual as mulheres são sujeitos ativos e resistem à coisificação. As obras de Virginia Woolf e Simone de Beauvoir, por exemplo, contribuíram para difusão das idéias feministas difundidas a partir dos anos de 1960 na Europa e nos Estados Unidos.

O movimento feminista buscava a igualdade de direitos aliada ao respeito à diferença. A reflexão feminista possibilitou a percepção da hegemonia masculina nos campos ideológico e social. A partir dessa constatação, buscou-se interferir nessas esferas, era necessário mais do que lutar por questões práticas, inserir e interferir no plano das idéias. E uma das formas de realizar isso, foi inserindo o olhar da crítica feminina no campo das representações, entre eles, o campo literário.

Agora no século XXI, observando a história da mulher no ocidente e o papel do homem na construção do ser feminino, a escritora Colling afirma que: “Os homens definem-se e constroem a mulher como o Outro, a partir deles mesmos, ocupam um lugar de poder e o exercem não somente em relação à mulher, mas também em relação aos demais seres masculinos que não se ajustam a seu arquétipo.[...]” (COLLING, 2004. p.24-25)

O ser masculino na tradição ocidental sempre foi visto como sinônimo de racional, força, justiça, poder, cultura, política, espaço público; em contraposição, o ser

feminino era definido a partir de termos como: reprodução, sentimental, dócil, espaço privado, trabalho doméstico⁴.

Os estereótipos de gênero atravessaram os tempos e naturalizaram a diferença entre o masculino e o feminino, como se essa visão social e cultural que varia a depender da civilização, época e povo, fosse uma característica biológica. Até hoje, é predominante entre as instituições sociais, tais como a família e a escola, as idéias pré-concebidas do que seria apropriado para os indivíduos a depender do sexo. E mais do que isso, essa hierarquia entre os gêneros, na qual o ser masculino é visto como superior ao feminino, mantém-se na atualidade até no mercado de trabalho. Embora desempenhe as mesmas funções que os homens, as mulheres ainda ganham menos que eles, como provam algumas pesquisas⁵

Ao contrário, do que a persistência da ideologia patriarcal até os dias atuais possa indicar, as mulheres não tiveram um papel passivo diante dessa ideologia ao longo dos séculos. Contudo, a hegemonia masculina dava-se em dois planos: o das idéias e das práticas sociais. Isto é, os homens contavam com uma rede de instituições sociais -família, religião, política, escola, a medicina - que legitimavam essa ideologia. E um dos fatos que mais fortalecem essa ideologia é a reprodução da mesma por parte das mulheres, através dos estereótipos de gênero na educação dos filhos. Essa “adesão feminina” é um dos fatos que mais contribuem para manutenção de tal pensamento na atualidade.

Segundo Vera Queiroz (1997), a presença da crítica feminista dentro das instituições acadêmicas já é um fato. Todavia, autoras como Eliane Borges da Silva lembram que embora o discurso feminista faça parte da dinâmica acadêmica, ele ainda é visto sob o rotulo de “estudo de mulheres” e isolado em núcleos e grupos específicos; ou seja ainda não há uma integração entre os estudos feministas e as demais áreas de conhecimento.

Na área da literatura, por exemplo, a crítica feminista tem se voltado “para a desconstrução do caráter *gendrado* dos discursos de e sobre representação.”(QUEIROZ,

⁴ Idéia defendida por vários estudiosos, entre eles: PASSOS, Elizabeth. A razão patriarcal e a heteronomia da subjetividade feminina. In: DUARTE, Constancia Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; Bezerra, Kátia da Costa. *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo horizonte: UFMG, 2002. (coleção mulher e literatura, v 1) e COLLING, Ana. A construção histórica do masculino e do feminino. In: STREY, Marlene N; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise (ORGs). *Gênero e Cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

⁵ Pesquisas tais como as publicadas no livro lançado pela ONU recentemente: *o progresso das mulheres no Brasil*. Brasília: Unifem/ Fundação Ford / CEPIA, 2006. que pode ser consultada no site: www.mulheresnobrasil.org.br

1997). Na prática, isso significa, tornar explícita a ideologia patriarcal presente nas obras fundadoras do cânone, investigar o porquê da maioria das autoras não estarem inseridas nos livros de história da literatura e rever o sujeito feminino nas obras literárias, percebendo os modos como esses personagens atuam na sociedade.

No entanto, é necessário lembrar que, a questão de gênero aparece relacionada a outras categorias como raça e classe. E o estudo dessa articulação, muito comum no cotidiano, ainda é escasso no campo das idéias. Embora o discurso do movimento feminista se proponha a lutar pela igualdade, respeitando as diferenças; isso ainda é pouco realizado. No Brasil, as diferenças de raça/etnia, gênero e classe ainda são pouco consideradas. Um exemplo disso, é que embora o movimento feminista se faça presente, pelo menos, desde o início do século XX, a questão específica da mulher negra, segundo algumas estudiosas, só encontrou espaço para ser discutida, em 1988, com a realização do **I Encontro Nacional de Mulheres Negras**. Antes disso, as militantes negras não eram contempladas nem pelo movimento feminista, nem pelo movimento negro. Ambos os movimentos tinham uma visão geral, não contemplavam as especificidades de raça/etnia⁶ e de gênero. Um segundo exemplo que ratifica a dificuldade de encontrar medidas que contemplem o sujeito feminino negro refere-se ao seguinte levantamento de dados em relação aos textos publicados na *Revista estudos Feminista*: “[...]foram poucos os artigos publicados na revista que se preocupavam com análise da interseção entre gênero e raça ou que tematize a questão da mulher negra. Somente em 1995 foi publicado um dossiê na revista sobre mulheres negras.” (COSTA, 2002, p. 56)

O crescimento de textos teóricos sobre esse sujeito feminino marcado etnicamente é importante, pois a realização de um trabalho teórico-conceitual se faz necessário a fim de modificarmos a idéia que temos da mulher negra. Precisamos desconstruir as imagens e os conceitos negativos e estereotipados produzidos acerca da mulher negra, tal qual estão fazendo a crítica feminista com relação à mulher.

É necessário que os ditados populares e livros que tragam uma imagem da mulher negra sob uma perspectiva negativa sejam analisados criticamente e que se evidencie a ideologia sexista e racista presente nessas produções. Precisamos produzir outro imaginário. Desconstruir ditados como: “a mulher negra para trabalhar, mulata para fornicar e branca para casar”. A mulher branca, a mulata ou a negra podem ser sujeitos de qualquer uma das ações expostas pelo ditado, desde que assim elas desejem.

⁶ A etnia aqui neste texto se refere as categorias preta e pardo proposta pelo IBGE e não realizamos aqui uma discussão sobre o tema.

Não se pode difundir nenhuma idéia que pré-estabeleça as funções que uma mulher negra, branca ou de outra etnia pode fazer.

O ditado aqui citado é apenas uma pequena amostra da ideologia que perpassa músicas, ditados, provérbios, anedotas e produções literárias. Este trabalho se propõe a estudar essas questões a respeito das afrodescendentes na literatura.

No campo da representação literária, a percepção mostrada acima, por meio do ditado popular, é corroborada por alguns textos. Essa afirmação é fundada em trabalhos realizados sobre a literatura brasileira que confirmam os modos estereotípicos que são representadas as mulheres negras na literatura brasileira. Entre esses trabalhos destacamos aqui os dos autores Teófilo Queiroz Junior e o ensaio de Conceição Evaristo.

Em *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*, Queiroz Junior (1975)⁷ faz um retrato dos modos como a mulata foi descrita desde Gregório de Mattos até Jorge Amado. Nesse trabalho são evidenciadas as questões que contribuíram para construção de uma imagem estereotipada da mulata brasileira quando esta traz na pele a marca da afrodescendência. Para expor o modo como as mulatas foram descritas, ao longo da literatura brasileira, damos voz ao autor:

Para sintetizar os dois pólos da avaliação corrente sobre a mulata, podemos dizer que, de positivo, são reconhecidas suas habilidades culinárias, via de regra, sua higiene, sua resistência física ao trabalho, sua saúde, sua solidariedade, sua beleza perturbadora, sua sensualidade irresistível, seus artifícios de sedução, a que sabe recorrer, quando canta dança e se enfeita. Já a soma de seus defeitos é constituída pela falta de moralidade, por sua irresponsabilidade, por ser muito pródiga sempre. (QUEIROZ JUNIOR, 1975, p. 76-77)

Em um estudo mais recente, *Da representação a auto-representação da mulher negra na literatura brasileira*, Conceição Evaristo (2005)⁸ aponta que entre as várias visões estereotipadas dessa mulher está a negação da mulher negra como mãe, *vide*:

Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. (EVARISTO, 2005, p. 53)

Essa construção da mulher negra na literatura brasileira pode ser percebida nos textos canônicos da literatura brasileira, tais como *O cortiço*, de Aluisio de Azevedo;

⁷ QUEIROZ JUNIOR, Teófilo de. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo; Atica, 1975.

⁸ EVARISTO, Conceição. *Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira*. Revista palmares: Cultura Afro-brasileira. Ano I – numero1 – agosto 2005. ISSN 108 7280.

Tenda dos Milagres, de Jorge Amado; *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, entre outros.

Esse discurso literário estereotipado é questionado e rasurado por uma produção literária da autoria de mulheres negras. As mulheres negras deixam, então, de serem objeto da representação de um outro para ser simultaneamente sujeito e objeto da escrita literária. Como exemplos dessas mulheres destacamos: Maria Firmina dos Reis, primeira romancista abolicionista brasileira, Carolina Maria de Jesus, Geni Guimarães, Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Lia Vieira, Celinha, Roseli Nascimento, Ana Cruz, Mãe Beata de Iemanjá, Conceição Evaristo dentre outras.

Por meio de suas perspectivas — marcadas como poderia deixar de ser, pela vivência de ser mulher negra na sociedade brasileira—essas escritoras afro-brasileiras contribuem para constituição de uma história brasileira que revela elementos apagados e/ou desprivilegiados pelas escritas falocêntrica e branca.

Perceber os modos como as mulheres negras “por contingências não apenas étnicas, mas principalmente históricas e políticas”⁹ rasuram as configurações estabelecidas em torno da mulher negra brasileira e os modos como esse sujeito-mulher-negra se auto-representam, enquanto sujeito poético e objeto no contexto ficcional, estabelecendo um novo imaginário em torno da mulher negra, são alguns dos objetivos desse trabalho. Nas linhas seguintes, veremos a produção intelectual de uma escritora, Conceição Evaristo, que vem realizando esse trabalho.

Conceição Evaristo é uma escritora afro-brasileira que transita entre os espaços dos movimentos sociais e o ambiente acadêmico. Uma mulher que produz a partir de suas identidades de mulher, negra, brasileira, militante e pesquisadora. Evaristo possui um conjunto de obras produzidas na contemporaneidade, que se constitui de poemas, contos, ensaios e romances e que começaram a ser publicadas em 1990. É importante ressaltar que, por se tratar de uma autora contemporânea e que produz regularmente, a pesquisa teve como corpus apenas as obras publicadas até 2005, isto é, 32 poemas, 8 contos e o romance *Ponciá Vicêncio*. Não abarcando, portanto, obras como *Becos da Memória* (2006), um romance recém publicado da autora.

A produção literária dessa mineira, assim como, a produção teórica, é marcada pela reflexão em relação às questões relacionadas a etnia e gênero. Percebe-se em sua obra o protagonismo de um sujeito específico, na luta simultânea contra o sexismo e o racismo. Em entrevistas e apresentações, assim como Said na obra *O Oriente como*

⁹ SALGUEIRO, Maria Aparecida Ferreira de Andrade . *Afro- brasilidade e Literatura* . UERJ em Questão, Rio de Janeiro, v. VII-74, p. 2 - 2, 30 nov. 2001

Invenção do Ocidente, Evaristo faz questão de evidenciar seu lugar de enunciação: “tanto a escrita ensaística como a literária são escolhas marcadas pela condição de ser mulher negra na sociedade brasileira”¹⁰. E essa demarcação é relevante, já que nenhum discurso literário é neutro ou transparente.

O meio acadêmico tem se constituído em um espaço de diálogo possível, entre a, escritora, e a, pesquisadora, Evaristo. Esse diálogo, que Evaristo consegue estabelecer entre a militância e as pesquisas tem sido apontado¹¹ como um meio de imprimir maior velocidade e resultados ao processo de emancipação da mulher negra, pois essa interlocução constitui-se no enfrentamento das questões no campo ideológico e no âmbito das práticas sociais.

Um exemplo de ação possibilitada pela interlocução desses espaços, foi à indicação e a aceitação dos *Cadernos Negros* para o vestibular da UFBA. Um periódico alternativo que circula predominantemente entre os militantes do movimento negro no Brasil, foi inserido em um espaço que historicamente contribui para tornar as obras que ainda não são consideradas canônicas em canônicas. É a academia legitimando um cânone de um público outro que não o acadêmico. Significa o respeito às diferenças sendo implementado na prática, pois os *Cadernos Negros* fazem parte da literatura afro-brasileira.

Em relação às questões relacionada à autoria feminina, Nelly Richard chama atenção para a relação de “função-centro” que tem se estabelecido entre a academia norte-americana e a produção local do feminismo latino-americano. Essa relação ratifica uma “divisão global do trabalho” no qual a América Latina representa o corpo, nesse caso a experiência vivenciada. Segundo esse pensamento, a América latina é quem fornece as experiências vivenciadas e as estudiosas norte-americanas realiza a análise teórico. É uma reconfiguração da relação colonial em que o centro e a periferia possuem as seguintes atribuições: “um centro que continua hegemонizando, assim, as mediações teóricas conceituais do “pensar”, enquanto relega a periferia à empiria do dado, para sua socialização ou antropologização através das histórias de vida e do testemunho” (Richard, 2002, p.149)

É verdade que essa situação predomina, todavia é importante salientar que há um movimento, por parte das intelectuais latino-americanas de resistir a esse

¹⁰Conceição Evaristo –entrevista a SEBASTIÃO, Walter. *Negras Memórias Femininas*. Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte. 7. jan. 2004.

¹¹ SILVA, Eliane Borges da. *Tecendo o fio,apareando as arestas: o movimento de mulheres negras e a construção do pensamento feminista*> Rio de Janeiro: UFRJ:CFCH,2000> Disponível em : <<http://www.desafio.ufba.br>>Acesso em 31 de set de 2005.

sulbaternidade, Conceição Evaristo, por exemplo, parte das vivências da mulher negra brasileira para escrever sua produção literária e teórica. Representando, portanto, uma escritora e intelectual brasileira que desconstrói essa imposição da centralização teórica. Daí, a importância de nos conscientizarmos que precisamos não apenas compreender as questões sociais e lutar por elas, mas também sermos capazes de teorizá-las. Afinal, é por meio da teorização que se trata dessas questões nas esferas públicas e se não conseguimos decifrar esta linguagem, estaremos sempre reféns dos modos como os outros nos compreende e acredita se o “melhor” para nós.

É importante participarmos da construção de nossa representação, pois como sabemos por experiência própria, a representação tem um forte poder de perpetua-se e influenciar a vida social dos grupos objetos da representação.

A análise das produções de Conceição Evaristo demonstrou que a obra dessa escritora constitui-se em um espaço de contestação e reflexão da história dos afro-brasileiros. Por meio, principalmente, da figura negra feminina, são abordadas temáticas relativas a afrodescendência desde a chegada dos africanos ao solo brasileiro, até os atuais contextos sociais de exclusão social.

Com a finalidade de tornar o estudo sistemático, subdividimos as obras de acordo com a temática abordada pelos textos. A principal temática das obras de Evaristo é a Mulher Negra; em segundo, estão Memória e Problemas Sociais; em terceiro, é A Esperança; e o quarto, vamos denominar de Outros, pois engloba temas não tão recorrentes como a intertextualidade com textos da literatura brasileira. Entretanto, por hora, abordaremos apenas a questão da mulher negra.

Para iniciar a descrição da mulher negra, segundo as obras de Evaristo, utilizaremos o conhecido poema Eu-Mulher:

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.

Eu-mulher em rios vermelhos
inaugura a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo.
Antes-agora-o que há de vir.
Eu fêmea- matriz.

Eu força- motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo do mundo

(Cadernos Negros 13)

Nesse poema, temos a visão do corpo feminino a partir de significantes que o descrevem a partir da função geratriz inscrita no corpo da mulher. Os versos desse poema, como é possível perceber, referem-se à singularidades do corpo da mulher : a produção de leite, a menstruação, a capacidade de gerar uma nova vida, a sensibilidade aguçada. E no final, a voz lírica conclui que a junção dessas singularidades tornam a mulher a força que movimenta o mundo, pois é quem gera aqueles que movem o mundo: o ser humano.

Nas obras de Evaristo, esse ser que move o mundo é descrito nos poemas a partir de características que podem ser atribuídas à mulher negra em geral. Embora o poema Eu-mulher traga uma visão geral da mulher, na maior parte dos poemas dessa autora, é possível identificar a identidade de mulher negra. A fim de exemplificar essa identidade atravessada pelas questões de etnia e gênero elegemos o poema *Vozes-Mulheres*:

A voz da minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.

O ontem- o hoje- o agora.
Na voz de minha filha
Se fará ouvir a ressonância
o eco da vira-liberdade.

(Cadernos Negros 13)

Nesse poema, o eu-lírico traz a memória de uma luta na qual participaram várias gerações distintas (a bisavó, a avó, a mãe, o eu-lirico e a filha). As vozes dessas mulheres funcionam como contas de um colar que constituiria a liberdade, um colar que está sendo analisado pelo eu-lirico que recorda a vida de seus antepassados e fala do futuro de sua filha, ou seja, da esperança que tem no futuro da filha. Esse momento pode ser percebido nitidamente na seguinte estrofe:

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem- o hoje- o agora.
Na voz de minha filha
Se fará ouvir a ressonância
o eco da vira-liberdade.(grifo nosso)

Ainda nessa estrofe, o verso “a fala e o ato” traz uma idéia de teoria e prática, o reconhecimento da história e a ação efetiva para modificá-la. Essa filha que conhece o ontem, o hoje e o agora, poderá desfrutar de uma conquista que se construiu através dos tempos: a liberdade.

Distinguindo-se dos poemas, as mulheres negras “evaristianas” dos contos e romances caracterizam-se por ser mulheres de baixa renda que residem na região urbana. A ex-mulher de um assaltante, uma prostituta, a empregada doméstica são as protagonistas dessas obras. Mulheres que no núcleo familiar constituem a força motriz, seja como filha, como mãe, companheira; ou ainda como detentora do conhecimento, da memória e do referencia espiritual.

Entretanto, embora na estrutura familiar essas mulheres representem a força motriz, no âmbito macro-estrutural, essas mulheres vivem em uma sociedade que as colocam a margem da sociedade. Vivem em uma estrutura social que lhes impõe péssimas condições de vida em geral, tais como situações como o preconceito racial e de gênero nas situações mais corriqueiras do dia a dia, trabalho em regime de semi-escravidão, condições de moradias subumanas, péssimas condições de assistência médica, a violência.

Mas, tendo herdado a luta de suas ancestrais, a mulher negra nas obras de Evaristo sabe que para interferir na estrutura social como um todo, é necessário

interferir nas esferas políticas e jurídicas, e para isso, ela busca esse poder por meio do domínio do conhecimento e das ações cotidianas. Essa conscientização pode ser exemplificada por meio de um excerto de Duzu-Querença, um conto no qual a avó Duzu ao morrer deixa para sua neta Querença a memória do seu povo, a fim de que ela continuasse a luta dos seus:

E foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida. Encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuíu que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda. Menina Querença tinha treze anos como seu primo Tático que havia ido por aqueles dias.(EVARISTO, CN 16)

Nesse trecho do conto, é possível perceber que Querença tem consciência que para continuar a luta iniciada pelos seus ancestrais terá que dominar o conhecimento valorizado e ensinado no âmbito escolar e se articular com outros jovens em organizações que reúnem moradores e estudantes a fim de buscarem melhores condições de vida.

Em Evaristo, seja referindo-se à mulher negra no geral, por meio de seus poemas, seja abordando a questão específica da mulher negra de baixa renda que reside nas zonas urbanas, as imagens construídas a respeito da mulher negra distinguem-se por:

-apresentar agentes femininos construtores de sua própria história;

-privilegiar em suas construções as características psicológicas e culturais, ao invés da descrição física;

-trazer a mulher negra desempenhando papéis que a literatura brasileira, no geral, reservou as mulheres brancas, tais como: o de mãe, líder espiritual, detentora do conhecimento e da memória.

Em fim, as mulheres retratada nas obras “evaristianas” vivenciam a luta cotidiana contra o sexismo e o racismo, mas não desanimam. Os obstáculos encontrados e ultrapassados por esses sujeitos cotidianamente pode ser ilustrado pelo poema “PEDRA, PAU, ESPINHO E GRADE”:

<<No meio do caminho tinha uma pedra >>
mas a ousada esperança
de quem marcha cordilheiras
triturando todas as pedras
da primeira à derradeira
de quem banha a vida toda
no unguento da coragem
e da luta cotidiana

faz do sumo beberagem
topa a pedra-pesadelo
é ali que faz parada
para o salto e não recuo
não estanca os seus sonhos
lá no fundo da memória,
pedra, pau, espinho e grade
são da vida um desafio
e se cai, nunca se perdem
os seus sonhos esparramados
adubam a vida, multiplicam
são motivos de viagem.

(Cadernos Negros 15, p.32-33)

Referências Bibliográficas:

- Cadernos Negros*, 13 : poemas . São Paulo: Quilombhoje, 1990.
- Cadernos Negros*, 15 : poemas . São Paulo: Quilombhoje, 1992.
- Cadernos Negros*, 16: contos . São Paulo: Quilombhoje. Edição dos autores,1993.
- Cadernos Negros*, 19: poemas.afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje/ Anita, 1996.
- COLLING, Ana. A construção histórica do masculino e do feminino. In: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise (ORGs). *Gênero e Cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- COSTA, Claudia de Lima. *Teorias feministas, traduções transnacionais e mediações culturais*. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; BEZERRA, Kátia da Costa.(ORG) *Gênero e representação: teoria , história e crítica*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. (coleção mulher e literatura I)
- EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira*. Ano I – numero1 – agosto 2005. ISSN 108 7280.
- QUEIROZ JUNIOR, Teófilo de. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo; Atica, 1975.
- Queiroz, Vera. *Crítica literária e estratégias de gênero* Niterói: EDUFF, 1997.
- RICHARD, Nelly. *Intervenções Críticas: arte, cultura, gênero e política*. Belo horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SALGUEIRO, Maria Aparecida Ferreira de Andrade . *Afro- brasilidade e Literatura . UERJ em Questão*, Rio de Janeiro, v. VII-74, p. 2 - 2, 30 nov. 2001.
- SEBASTIÃO, Walter. *Negras Memórias Femininas*. Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte. 7. jan. 2004.
- SILVA, Eliane Borges da. Tercendo o fio,aparando as arestas: o movimento de mulheres negras e a construção do pensamento feminista. Rio de Janeiro: In: Anais do I Simpósio Internacional: O Desafio da Diferença, articulando gênero, raça e classe, 1, 2000, Salvador. Anais eletrônicos. Anais do I Simpósio Internacional: O Desafio da Diferença, articulando gênero, raça e classe. Salvcaador - BA, 2000.Disponível em : <<http://www.desafio.ufba.br>>Acesso em 31 de set de 2005.
- PALMEIRA, Francineide Santos; SOUZA, Florentina da Silva. *Imagens da aferodescendencia nas obras de Conceição Evaristo*.(relatório de pesquisa) UFBA-PIBIC,2005-2006.